

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE ESTRELA - RS

Suzimary Specht, Kátia Beppler Macagnan

Boletim Gaúcho de Geografia, 27: 139-145, dez., 2001.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38441/24705>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 2001.

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DO MUNICÍPIO DE ESTRELA - RS

Suzimary Specht*, Kátia Beppler Macagnan**

O município de Estrela localizado no Vale do Taquari¹, no Rio Grande do Sul, a exemplo de todo território brasileiro, quando "descoberto" pelos portugueses em 1500, era habitado pelos indígenas². Estes habitantes nativos possuíam uma forma de sociedade própria, o que dificultava a dominação e aculturação dos mesmos, e a possibilidade de exploração dos recursos naturais existentes neste espaço denominado pelos portugueses de "novo mundo".

Essa organização espacial da população nativa contrariava os interesses da Coroa Portuguesa, que sentiu a necessidade de impor a esse "novo mundo" uma forma de gestão territorial estatal. Esta se deu através dos incentivos da mesma à colonização das terras brasileiras a partir do litoral.

Os colonizadores portugueses não conseguiram porém escravizar os índios. Para suprirem a falta de mão-de-obra braçal, foi introduzido o trabalho escravo de africanos. Quando o litoral já estava ocupado, houve a necessidade de se colonizar o interior do Estado Brasileiro, que passou a ser feito também por outras etnias européias.

*Suzimary Specht – mestre em Geografia pela UFRGS, professora substituta no Departamento de Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e docente na Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de Fraiburgo e Joaçaba.

**Kátia Beppler Macagnan – mestranda em Geografia UFRGS, docente no Ensino Fundamental e Médio do Colégio Israelita - POA, Colégio Monteiro Lobato - POA e Colégio Maria Auxiliadora - Canoas.

¹ O Vale do Taquari é composto por 35 municípios, totalizando uma área de 5.713,70km², com uma população regional em torno de 305 mil habitantes. Estrela pertence a região do Alto Taquari, localizada na Encosta Inferior do Nordeste Rio-grandense, tendo como limites a margem do Rio Taquari a oeste (com altitude média de 45 m em relação ao nível do mar); ao norte o município de Collinas, ao sul o município de Bom Retiro do Sul e a leste o município de Teutônia. (Relatório Caixa Econômica Federal, 1998, p.9).

² Os índios, habitantes primitivos de todo território brasileiro, no território rio-grandense estavam, segundo Ferri, (1991, 17): divididos em três grandes Províncias indígenas, a Província do Uruguai, a Província do Tape e a Província de Ibiá. A Bacia do Taquari-Antas fazia parte da Província de Ibiá, também chamada de Ibiáça, que compreendia os limites aproximados desde "Laguna (SC), descendo pelo Rio Pelotas-Uruguai, baixando por seu afluente, o Uruguai-Pitã, atual Rio da Várzea, até atingir as cabeceiras mais setentrionais do rio Jacuí e por todo seu percurso, à margem esquerda, até o Rio São Pedro, ou Rio Grande, que incluía a lagoa dos Patos, o canal do Rio Grande até o litoral, retornando ao seu ponto inicial, Laguna".

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	Nº 27	P. 139-145	DEZ. 2001
--------------------------------	--------------	-------	------------	-----------

Na região sul os primeiros a chegarem foram os padres jesuítas espanhóis, a fim de "catequizar os índios", tidos então como selvagens. A seguir, mercadores e bandeirantes paulistas passaram a colonizar esse espaço. No decorrer do século XIX parte das terras sulinas foram colonizadas por pequenos agricultores alemães e italianos, seguidos em menor escala por outras etnias européias.

Segundo Ferri (1991, p.21), na região do Vale do Taquari a tentativa de catequização dos índios não teve êxito, tendo os jesuítas espanhóis se afastado. No início do século XVII os jesuítas portugueses tentaram se aproximar desses indígenas, o que também foi inútil, e levou esses sacerdotes a desistirem de permanecerem na região por "falta de garantias".

Em 1626, o governo português iniciou a doação de sesmarias³ junto a foz do Rio Taquari, a homens de posses. Além dos mercadores e bandeirantes, muitos fazendeiros surgiram. Mas essa transição não transcorreu pacificamente. Essa nova organização do espaço imposta pela Coroa Portuguesa, causou revolta entre a população indígena local, mas que não teve forças para mudar a situação e acabou sucumbindo.

Segundo Ferri (1991, p.27), o povo indígena da região desapareceu lentamente. Muitas causas contribuíram para essa dispersão como os ataques dos bandeirantes, a mestiçagem forçada das mulheres indígenas com os homens brancos e ainda fortes epidemias trazidas pelos brancos ao invadirem terras indígenas. A expulsão dos índios de suas terras pelos paulistas, foi o marco inicial para o desaparecimento gradual dessa cultura. Os bandeirantes introduziram também nessa região do Taquari o trabalho escravo africano. Posteriormente essas terras foram vendidas aos imigrantes alemães. Essa região tornou-se assim, por muitos anos, uma área de grandes conflitos e disputas entre os colonizadores pretendentes a serem donos dessa terra, os padres espanhóis, os mercadores portugueses, os fazendeiros e os bandeirantes paulistas.

Para a Coroa Portuguesa a posse e a doação de sesmarias eram as duas formas básicas de apropriação de terras, e os conflitos dela decorrentes eram considerados "males necessários". O objetivo era colonizar, defender e expandir territórios.

³ Cf. Ferri (1991, 69); na região do Vale do Taquari, "a sesmaria compreendia uma área de terras com a extensão de três léguas de comprimento, por uma de largura, podendo ser maior ou menor de acordo com a capacidade econômica do requerente".

⁴ A origem do nome "Estrela", data da chegada dos primeiros aventureiros na região. Achariam que teria caído na região uma estrela, pois nas margens do Rio Taquari, uma luz muito forte ofuscava seus olhos. Uma explicação natural, é a produção dos gases pelo pântano, refletindo então a luminosidade da lua. Outrora presume-se que este nome tenha surgido devido ao veículo fluvial com este nome que carregava os produtos agrícolas para a sede da fazenda, e desta para o mercado da capital. Lembrando também que muitos imigrantes utilizavam o Arroio Estrela para chegar na região através de embarcações (PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTRELA, 1998, p. 4).

A região do Taquari, a partir de 1808, passou a integrar o município de Porto Alegre. Em 1824 apareceu o primeiro registro do nome de Estrela⁴ em documento oficial, existente no Arquivo Público do Estado. Neste mesmo ano chegou ao Rio Grande do Sul a primeira leva de imigrantes alemães, mais especificamente na região de São Leopoldo. A colonização alemã na região de Estrela iniciou-se em 1827 na Fazenda de Estrela (posteriormente elevada a Colônia de Estrela), que pertencia a freguesia de São José do Taquari. Mas o fluxo de imigrantes alemães para a região foi acentuado a partir de 1845.

Até meados do mesmo ano, o desenvolvimento econômico da região utilizava como herança deixada pelos bandeirantes, o sistema escravista africano, sendo que a população negra no Alto Taquari superava em número a população branca. Aproximando-se a metade do século, o problema da escravidão preocupava o poder central, pois nos planos oficiais de colonização os negros não eram contemplados. Para os então proprietários das terras interessava a venda das mesmas em pequenos lotes aos colonos, que necessitavam terras para sua subsistência, sendo este um dos grandes motivos da migração da região de São Leopoldo para o Alto Taquari.

Segundo Pellanda (1925), através da Lei de 28 de outubro de 1849, o Império concedia às províncias, terras a colonizar, estabelecendo como padrão os lotes de 100.000 braças quadradas (22 hectares), os quais não poderiam ser "arroteados por braços escravos". Segundo designação dada pela legislação imperial, estabeleceu-se o termo colônia para denominar as terras destinadas ao recebimento dos imigrantes europeus, que tinham como objetivo a pequena e média propriedade no Brasil. Elaborou-se então a lei Provincial n.º 304 de 1854, segundo a qual as terras não seriam doadas, mas vendidas em lotes aos colonos, dando origem as primeiras colônias com oportunidades de trabalho. Com a expansão da colonização alemã, a população negra espalhou-se para áreas não muito distantes, ficando alguns nos arredores da região de Estrela.

Para que essa nova política vingasse, estabeleceu-se a primeira linha a vapor de Porto Alegre a Taquari, levando até a região muitos fazendeiros e imigrantes, vindos de São Sebastião do Caí e de São Leopoldo, interessados em descobrir e colonizar novas terras.

Neste mesmo ano, segundo Hessel (1983, p.62), foi fundada a Colônia de Teutônia, abrangendo uma extensa área do município, ocupada na maior parte por saxões, fenamos e westfalianos. A grande explosão colonizadora em Teutônia favoreceu a afirmação de Estrela, já que Teutônia tinha um porto fluvial denominado Porto de Úrsula (atual Bom Retiro do Sul). Um dos fatos que contribuiu para o rápido povoamento da região, foi a exigência por parte da população local, da criação de uma escola.

Em 1861 chegava em Estrela, Antônio Vitor de Sampaio de Menna Barreto,

que em 1865 mandou abrir entre outras, a Picada Boa Vista e a Picada Grande, segundo Hessel (1983, p.22), onde estabeleceram-se os assentamentos dos colonos alemães provenientes da zona de São Leopoldo e Feliz. A criação de vilas ou regiões coloniais, originaram-se de núcleos planejados pelos demarcadores de terras. Os principais fatores que determinaram a formação dos povoados nas zonas coloniais relacionam-se com a existência de uma grande circulação pelas "linhas" de lotes, juntamente com a necessidade de um local para contatos sociais e intercâmbio comercial; além disso um dos grandes fatores determinantes e que já era um dos grandes objetivos dos fazendeiros locais, que já exportavam mandioca, trigo, milho, feijão, batata e outros produtos agrícolas, era a liberação da construção de uma capela, já que esta seria atrativo não só espiritual, mas sócio-econômico para região.

Existiram então dois focos de colonização expansiva⁵, Estrela e Teutônia. Mas para o governo do Estado esse processo estava muito lento, e assim, foram assinados contratos com companhias colonizadoras, pelo governo do Estado, para a introdução de 4.000 colonos por ano, pelo espaço de dez anos, acelerando então a colonização da região, com a expansão da pequena propriedade de trabalho livre, onde dominou a vinda do colono alemão.

Essa vinda dos alemães, veio a ocorrer de certa forma devido a Lei de Terras de 1850⁶. É nessa época que aparecem os primeiros sem-terras brasileiros no Brasil, pessoas sem posses que não tinham divisas para comprar terras, e assim, serviram de mão-de-obra barata para as grandes propriedades, frutos do sistema sesmarial. Mas para os colonizadores, neste caso alemães que tinham divisas, o acesso a pequena propriedade ficou facilitado na região.

No final do século XIX, iniciou-se a urbanização no Distrito de Estrela⁷ graças a iniciativa de Antônio Vitor de Sampaio Mena Barreto. Muitas pessoas migraram para a região construindo suas casas estrategicamente, já que se tratava então da criação de uma fazenda que necessitava de uma sede, cujos produtos agrícolas convergiam a ela, e em seguida ao porto local com destino a Porto Alegre.

Através da Lei n.º 1.044, no dia 20 de maio de 1876 a freguesia de Santo Antônio de Estrela é elevada a município, desligando-se de Taquari (município desde 1849), levando consigo os atuais municípios de Lajeado, Arroio do Meio e Encantado⁸.

⁵ Cf. Ferri, (1991, 120).

⁶ Segundo Gancho et alii (1991, 30). "a Lei de Terras visava não apenas disciplinar as irregularidades cometidas sob o sistema sesmarial e nos anos posteriores a 1822, como também impedir a proliferação de posseiros, incluindo também muitos escravos já forros".

⁷ Cf. Hessel (1983, p.43).

⁸ Cf. Ferri (1991, p. 121)

Para Hessel (1983, p.97), quando o processo de colonização em Estrela parecia ter chegado a um grau de estabilidade que deveria alavancar o crescimento econômico, eis que em 1893, ocorreu a Revolução Federalista, sendo a cidade invadida pelos rebeldes, causando desorganização política-militar e insegurança, abalando a localidade. Estrela sofreu várias invasões republicanas. Muitos armamentos navais e terrestres chegaram na região através do Rio Taquari, que serviu de ponto estratégico para contrabando de armas e munição. Durante três longos e amargos anos, os moradores (colonos locais) desfizeram-se muito a contragosto de seus bens (como, por exemplo, a produção alimentícia e seus cavalos). Também entregaram seus familiares e amigos aos republicanos federalistas, alguns para combate, outros para servir de espiões, denunciando uns aos outros quando fugitivos.

Essa revolução retratava que a política vigente, estava tendo suas regras contestadas por pessoas que não estavam satisfeitas com sua estruturação de poder, que desejavam uma “transformação social ligada a questão da identidade nacional, da autonomia territorial e da soberania política”⁹, e que neste caso aliciaram a contra gosto outras pessoas (população de Estrela). Esta revolução¹⁰ transpareceu claramente a idéia de que as colônias não apoiavam os federalistas nem os castilhistas. Mantinham um posicionamento político neutro, sofrendo constantemente com os ataques as suas populações. Ambas facções que ali se confrontavam, usufruíam de maneira despojada dos bens dos colonos locais, porém com mais freqüência por parte dos federalistas.

Um dos fatos interessantes que cabe ressaltar, segundo Hessel (1983, p.97), “relaciona-se ao estado de desorganização que atingiu alguns setores administrativos, levando o Estado a não cobrar impostos sobre qualquer bem ou imóvel, pois a escrituração dos respectivos, não se encontrava em ordem, devido a invasão dos revolucionários nos estabelecimentos burocráticos”. Questões como essas retratam a vulnerabilidade e as problemáticas de uma sociedade e do modelo político vigente da época. Somente em 1895 foi declarada a “paz” na região do Alto Taquari, com grandes festejos na Vila de Estrela.

Após essa revolução a história de Estrela voltou ao seu curso normal, e a população alemã predominante, começou a despontar nas atividades econômicas e a participar intensamente do processo político, sendo que para isso, alardeavam suas conquistas realizando grandes eventos sociais. Estrela era dividida em sede

⁹ SCOLAR, Marcelo. *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996, pg 143.

¹⁰ Cf. Hessel (1983, p.100).

municipal, "distritos"¹¹ e "linhas ou picadas", sendo que algumas tinham como nome um sobrenome alemão de influência na estruturação econômica e política da mesma.

Posteriormente, devido a mudanças políticas e constitucionais alguns distritos, muitas picadas e linhas tiveram de mudar seus nomes, pois o Brasil como entrara na 1ª Guerra Mundial ao lado dos aliados, não poderia continuar tendo nomes alemães em suas localidades.

Em 1938 através do Decreto n.º 7.199, Estrela tornou-se município¹², despontando assim a um crescente processo de urbanização, através da construção de estradas, prédios e hotéis, implantação de um novo cais para o Rio Taquari e realização de exposições locais divulgando a produção dos colonos e industriários.

Esses novos ares urbanos levaram muitos imigrantes, que até então trabalhavam na agricultura, a abrirem negócios próprios na área do comércio e indústria, formando um mercado consumidor local. Dentre outros, "criaram-se farmácias e até uma pequena cervejaria, implantando-se na região, um pequeno pólo comercial".

Os colonos que permaneceram nas atividades agrícolas foram modificando suas técnicas como o uso de adubação do solo, conseguindo tornar mais intensa a utilização de suas terras, obtendo-se uma produção mais elevada. Tanto a região como o colonizador, evoluíram e sofreram transformações e adaptações, sem perder a linha da colonização local, que caracterizou a região a partir da cultura deixada pelos portugueses, mercadores, jesuítas e bandeirantes na época do Império.

O município de Estrela desenvolveu-se biculturalmente, mesclando os costumes alemães como o Kerb, o próprio idioma e a produção agrícola e industrial de produtos e artefatos germânicos com a sociedade e costumes brasileiros que se formaram da mistura de características de todas as etnias que compuseram essa região.

¹¹ Em 1913 o município de Estrela apresentava uma política administrativa dividida em 4 distritos.

1º DISTRITO: Vila de Estrela, Boa Vista, Picada Lenz, Picada Deifina, Picada Geraldo, Picada Novo Paraíso, Picada Winck, Picada Ribeiro, Costão, São Jacó, São João do Bom Retiro, Glória, Subúrbio da Sede, Arroio do Ouro, Figueira e Santa Rita.

2º DISTRITO: Picada Glüch Auf, limites da Picada Berlim, Picada Welp, Picada Schmidt, Picada Franck, Picada Capivara, Picada Boa Vista, Picada Germano, Picada Krupp, Picada Silveira Martins, Picada Clara, Picada Catarina e Harmonia.

3º DISTRITO: Sede Rio Branco, Barra do Triunfo, Triunfo, Linha Marechal Deodoro, Linha Garibaldi e Benjamim Constante, Linha Júlio de Castilhos, Linha 21 de Abril e 7 de Setembro, Linha Borges de Medeiros, Linha 31 de Outubro e José Bonifácio, Linha Venâncio Aires, Linha Brasil, Linha Marechal Floriano, Linha Bento Gonçalves, Linha Fernando Abbott e Fazenda Lohmann.

4º DISTRITO: Rocadorzinho, Corvo, Roncador, Beija-Flor, Poço (antiga Fazenda de Santo Antônio), Picada Leopoldina, Picada Ano Bom, Picada Seca e Picada Wolf.

¹² Atualmente a área total do município é de 195,03 km², sendo que a área urbana é de 31 km², correspondendo a 16%.

O estabelecimento de colonos alemães na região do Alto-Taquari, inseriu uma nova composição de forças produtivas que se desenvolveu ao longo do século XIX, sendo resultado do seu processo histórico relacionado aos interesses e necessidades do mercado interno. A economia do imigrante colonizador estruturou-se primeiramente na produção da pequena propriedade rural, com exploração familiar, seguida de empreendimentos industriais e comerciais.

A colonização de Estrela desnuda o processo histórico no qual houve a usurpação do território dos indígenas em prol de colonizadores incentivados e trazidos a este novo mundo, pela gestão territorial imposta pela então Coroa Portuguesa, tendo sido esses colonizadores, os atores que compuseram o mosaico político, econômico e social do espaço territorial de Estrela na sua evolução temporoespacial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BERNARDES, Nilo. et al. *Bases Geográficas do Povoamento do Estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Unijuí, 1997.
- CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. *Perfil do Município de Estrela*. Agência Estrela, 1998.
- COSTA, Wanderley Messias da. *O Espaço como uma Categoria de Análise*. In: *Revista do Departamento de Geografia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, nº2.
- ESCOLAR, Marcelo. *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- FERRI, Gino. *História do Rio Taquari*. 1ª ed. Edit. Grafen, 1991.
- GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Edit. UFRGS, 1991.
- HESEL, Lothar. *O município de Estrela História e Crônica*. Edit. UFRGS, 1983.
- MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Naira. *Os Alemães no Sul do Brasil*. Edit. ULBRA, 1994.
- MORAES, Antonio C. R. *RATZEL*. São Paulo: Ática, 1993.
- PELLANDA, Ernesto. *A Colonização Germânica no Rio Grande do Sul*. Edit. Globo, 1925.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTRELA. *Dados estatísticos sobre o município de Estrela*. 1997.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- VALVERDE, Orlando. *Excursão à Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul*: in *Revista Brasileira de geografia*, ano 4, nº 4, p 477-534, Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1949.
- WEBER, J.H. *Rio Grande do Sul: Imigração & Colonização*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.